

A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DO SUJEITO NA OBRA OS TECLADOS DE TEOLINDA GERSÃO

Mestranda (USP)¹ Eliane Limonti da Fonseca

RESUMO:

Júlia, a protagonista da obra Os Teclados de Teolinda Gersão, busca, através da análise dos personagens Eurico e Octávio (ambos seus tios na obra), refletir sobre as relação Eu X Outro. Ela como intérprete das relações dos personagens da obra Os Teclados vai se construindo como sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, sujeito ético, representações, estética.

A obra **Os Teclados**, escrita por Teolinda Gersão em 1999, transmite-nos a idéia que através da Literatura temos um novo espaço para a constituição ética do sujeito no século XX.

Durante seu percurso literário, a autora Teolinda Gersão tem como fio condutor, em algumas de suas obras, a relação intrínseca entre a Literatura e outras Artes. Tal relação dar-se-á em obras como: **O silêncio** (1981), onde a relação estabelecida será entre Literatura e pintura; em **A árvore das palavras** (2004), cuja relação será entre Literatura e dança e na obra aqui estudada, **Os Teclados** (1999), a relação será entre Literatura e música. Através desta vinculação entre a Literatura e as demais Artes, Teolinda tem feito seus leitores refletirem sobre a Literatura por meio de estruturas comuns desta com outras artes.

O romance no século XX tenta redescobrir seu espaço, assim como, o sujeito também busca um espaço para se constituir enquanto sujeito ético. Este novo romance retoma valores tradicionais, como a narrativa, contudo introduz em si, o que Foucault em seu texto “Linguagem e literatura” irá chamar de “dobra Literária”, o romance dobra sobre si próprio refletindo sobre a Literatura.

No romance **Os Teclados**, temos esta “dobra Literária” através das reflexões de uma personagem que se encontra em um processo de aprendizagem e construção, esta personagem é nossa protagonista Júlia, adolescente, pianista que está se constituindo como sujeito. Portanto, temos um romance de aprendizagem e reflexão.

Júlia, através de sua relação com a música, leva o leitor a pensar sobre a Literatura e suas relações internas. Como ela está se construindo enquanto sujeito, a cada instante da narrativa analisa os outros personagens, buscando compreender, a partir destas análises, as relações sociais em que ela está inserida.

A obra **Os Teclados** poderia ser dividida em dois momentos fundamentais para as reflexões aqui citadas: o primeiro momento cabe às reflexões de Júlia com relação a dois outros personagens: Tio Eurico e Tio Octávio; o segundo momento cabe às comparações que Júlia

¹ Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, professoraelanelimonti@yahoo.com.br.

estabelece entre os pensamentos da escritora Helena Estevão – outra personagem do livro – e seus pensamentos sobre a música.

No primeiro momento citado, Júlia refletirá sobre a relação Eu X Outro, a partir da análise das ações dos personagens, Eurico e Octávio. Eurico será o personagem que problematizará o “Eu”. Ele é tido na obra como louco, pois tem ataques epiléticos, anda maltrapilho, come com as mãos, não fala, só grita, tem atitudes violentas e descontroladas. Em contrapartida temos Octávio que ouve música clássica, toca violino e crê que sabe perfeitamente o que é melhor para todos, por conseguinte ele é considerado “normal”, ele condensa em si as normas sociais, ele é totalmente normatizado, enquanto Eurico é a mimese da ausência de normas sociais, ele é o louco.

Portanto, Eurico e Octávio são os disparadores das reflexões de Júlia sobre a relação “Eu X Outro”, como Júlia tenta compreender o mundo e as relações sociais em que está inserida, ela vai se dissipando em suas reflexões, que serão momentos de construção ética.

Júlia chama Octávio de “nada”. Ela brinca com o nome do tio, chamando-o de Tio Oitavo, comparando-o com uma oitava de um piano. A princípio acreditamos que uma oitava de um piano apesar de conter todas as notas musicais não consegue reproduzir plenamente nenhuma música. Portanto, para nossa protagonista, o Tio Octávio é o Tio Oitavo, o Tio Nada, representando apenas as normas sociais rigorosas vigentes. Porém, ao atentarmos para o termo “Tio Oitavo” percebemos que Júlia, ao chamar Tio Octávio de oitava, na verdade, o considera o “tio Tudo”, aquele que condensa em si, ao mesmo tempo, o Eu e o Outro, ele seria completo. Uma oitava traz notas de Dó a Dó (oito notas musicais), portanto, uma oitava é uma dobra sobre si, parte de Dó e chega em Dó. Logo, Octávio é o Eu e o Outro, os dois “Dós” contidos numa oitava. O tu é indispensável para a formação do eu, e Octávio concentra ambos.

Já Eurico funciona na obra como um espelho que reflete os outros “eus” da narrativa. Por exemplo, seu próprio cunhado Octávio que não suporta Eurico por ver nele a projeção de seu “Eu destruído”, uma imagem decadente de si mesmo. Júlia, contudo, vê em Eurico a fraqueza daqueles que não conseguem dominar a palavra. Ela busca compreender o que determina que Eurico seja de fato louco. Chega à conclusão, que na verdade, todos que moram em sua casa são loucos, e o que determinaria pertencer publicamente ao status de normalidade ou loucura, seria o domínio da palavra. Como Eurico não fala, ele acaba sendo considerado fraco e dominado por aqueles que têm o poder da palavra, como Octávio. Em seu desespero para se comunicar, Eurico acaba se extravasando como um rio que transborda e acaba entrando em colapso nervoso, momentos estes na narrativa em que Eurico é plenamente considerado louco. Logo, Eurico é o não normatizado, aquele que não obedece às regras sociais.

Júlia, que é intérprete das relações desta narrativa, vê-se ora como Octávio, quando quer que Eurico desapareça, pois atrapalha seus momentos de concentração com a música quando está ao piano tocando tangos, ora ela se vê como Eurico, sendo louca, extravasando-se, saindo às ruas sem rumo, apenas para ouvir a música do mundo. Júlia parte em demanda para encontrar-se.

No segundo momento da obra, Júlia está num consultório dentário e encontra um encarte de jornal cuja entrevista ali publicada trazia os pensamentos de uma escritora, neste instante, ela passa a ter contato com uma crítica sobre o mundo literário. Esta escritora chama-se Helena Estevão e reflete sobre o mercado literário utilitarista, a obra literária e o papel do escritor e do leitor.

Nós, leitores, somos levados a refletir sobre o papel do leitor no ato da leitura. Helena Estevão deseja um leitor capaz de aventura-se como a escritora no texto, enfrentado os mesmos desafios, as mesmas dores, medos e prazeres.

Observamos no trecho abaixo, da obra **Os Teclados**, uma reflexão de Júlia sobre a infinitude do teclado do piano, e o medo que ela possui de não conseguir dominar infinitas

possibilidades musicais, porém, ao ler o trecho a seguir, percebemos que há uma ambigüidade nesta fala de Júlia, pois o teclado citado, também pode ser o do computador, e a infinitude passa a não ser a musical, mas a literária. Portanto, a escritora e a musicista do texto, Helena e Júlia, possuem o mesmo medo, a paura de ser devorada pelo enigma dos teclados. Vejamos:

“Não lhe disse que tinha medo de se afogar no teclado. De desaparecer dentro dele. Não lhe falou do seu medo de improvisar, das frases que lhe andavam na cabeça e mesmo em sonhos voltavam e não achavam solução até implodirem ou explodirem...” GERSÃO, (1999), p.49.

Ler era antes de tudo um segredo, assim como, ouvir também era um segredo. Para deixar se levar pela leitura, era preciso absorver-se nas lacunas do texto literário. Júlia se compara à escritora, pois ela também precisa do processo de entrega, contudo tal entrega pode custar caro caso não domine as infinitas possibilidades que o teclado lhe apresenta. Enquanto o leitor se entrega aos meandros do texto, Júlia se entrega ao que ela chama de música do mundo, ouvindo a chuva, as vozes nas ruas, os carros etc. A experiência de ouvir por qual passa Júlia, deixando-se dominar pelo som, é a mesma experiência desejada pela autora Helena Estevão, desejando que o leitor deixe se dominar pelo texto como um trapezista que sem receio se lança no ar.

Todavia, essa entrega absoluta leva ao medo de perder o controle. Abandonar-se demasiadamente ao teclado, leva Júlia ao receio de não dominar mais a música, assim como, o ato de abandonar-se às lacunas textuais, leva o leitor ao medo da incompreensão do texto, ao vazio de significação. No trecho abaixo, vemos que Júlia tem medo de enlouquecer como Eurico, pois tocar uma música consistia na coragem da entrega e no risco de enlouquecer. Tocar era como ler, uma entrega completa assumindo os riscos da falta de compreensão. Vejamos:

A idéia de que era igual a ele, de que podia enlouquecer como ele. Também ela fugia de casa, vagueava pelas ruas, se fechava no quarto, escondia segredos. Também a ela alguma coisa a assaltava, a música era uma onda de energia desencadeada e solta, à mercê da qual ficava sem defesa. O Tio Eu. GERSÃO, (1999), p.40.

Neste instante, simultaneamente a toda a narrativa da obra **Os Teclados**, seu leitor passa por uma experiência de efeito estético, pois durante o que chamamos de primeiro momento da obra, apesar do enfoque de nossa protagonista ser na construção de si própria através da análise do Eu X Outro, ou seja, sua relação com Tio Eurico e Tio Octávio, ela a todo o instante está refletindo sobre sua relação com a música, e por diversos instantes a narrativa de **Os Teclados** acaba se transformando, a prosa passa a ter momentos belíssimos de puro lirismo e, momentos plenamente musicais, a ponto de o leitor ter a sensação estética de ouvir uma orquestra. Como exemplo disto temos:

(...) Estafermos, diziam os violoncelos. Não pode um homem ter um minuto de sossego em sua casa sem vir um cretino estragar tudo. (Sem vir um cretino estragar tudo, repetia, mais alto, o primeiro violino, numa voz aguda). Vão para o inferno, vão para o inferno, ameaçavam, em coro os contrabaixos. GERSÃO, (1999), P.08.

Portanto, O leitor da obra **Os Teclados** passa pela experiência do efeito estético de imersão no texto, refletindo sobre o próprio ato de ler e produzir um texto, a partir das reflexões de Júlia e sua relação com a música. Júlia tocando é o leitor lendo, logo, você, leitor da narrativa de **Os Teclados**, passa a ser Júlia, pois está sob o efeito estético durante o ato da leitura causado por essa obra. O leitor vivencia o que está lendo e tal experiência se dá simultaneamente durante o tempo de leitura da narrativa.

Nas relações de Júlia com o social (outros parentes, colegas, professores etc) e com seus Tios Octávio e Eurico, percebemos uma possível pesquisa da autora Teolinda, através do romance, visando um novo espaço ético para o sujeito e novos balizamentos para o fazer artístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GERSÃO, Teolinda. *Os Teclados*. Lisboa, Dom Quixote, 1^a. edição, Abril de 1999.

_____. O Silêncio, O Jornal, 3^a. Edição, 1981.

_____. A árvore das Palavras, Planeta, São Paulo, 2004.

MACHADO, Roberto. *Foucault – a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2^a. edição, 2001.